

**BAUMAN, ZYGMUNT. VIDAS DESPERDIÇADAS. RIO DE JANEIRO: JORGE ZAHAR, 2005. 170 p.**

**A SOCIEDADE RESIDUAL, OS ESTUDOS DE INCLUSÃO E A SOCIOLOGIA DE ZYGMUNT BAUMAN**

Ana Lago<sup>1</sup>

O livro **Vidas desperdiçadas**, de Zygmunt Bauman, foi publicado originalmente em inglês em 2004, por Polity Press e Blackwell, editoras de Cambridge e Oxford. Sua tradução em português foi feita por Carlos Alberto Medeiros.

O autor Zygmunt Bauman nasceu em 1925 em Poznan, Polônia, país que abandonou ante à ascensão do nazismo por causa de sua ascendência judia. Formou-se na União Soviética e regressou à Polônia depois de finalizar a segunda guerra mundial. Em 1968 voltou a emigrar por causas políticas e se instalou em Israel. Foi professor em Tel Aviv e logo ingressou na Universidade de Leeds, onde é professor emérito de Sociologia desde a década de 1970. Reconhecido teórico da pós-modernidade líquida, para Bauman, a dominação política se alcança através da legitimação dos valores sociais e de uma combinação de sedução e repressão entre os diversos atores sociais, processos que estudou em suas obras **A cultura como práxis** (1973) e **Modernidade e holocausto** (1989). Seu livro **Modernidade líquida** (2000), centrado no fenômeno do desaparecimento do espaço público diante dos agentes de poder, é um clássico da teoria contemporânea. Ao longo de sua carreira tem tentado desenvolver uma sociologia crítica e emancipadora.

O livro aborda o tema da modernização, suas características e efeitos na sociedade, estando estruturado em cinco partes distribuídas em introdução e quatro capítulos, a saber. Para iniciar seu tema, o autor emprega o recurso de metaforizar sua própria abordagem e, para isso, toma por base uma das obras de Ítalo Calvino, **A cidade invisível**, visando a dar suporte a seu ato de contar a história representativa da modernidade. Bauman toma o exemplo da cidade de Leônia, famosa por sua paixão em “gozar de coisas novas e diferentes” e, assim, propõe uma das questões-chave do livro: o argumento de que o excesso de comodidades e novidades materiais, que serve para encher a existência, põe em risco a própria existência.

Para o autor, a sociedade moderna, assim como Leônia, se comporta de uma maneira extravagante, ao desejar concretizar seu desejo de utilizar produtos sempre novos e mais modernos, desprezando os que ainda são possíveis de uso, só pelo mero aparecimento, no mercado, de um produto de última geração. Em uma senda dupla, ir em direção às novidades implica também em ir em direção à substituição do velho pelo novo, como uma ação recorrente. Nessa seqüência de desperdícios, se constitui uma segunda e autêntica paixão no ato de remover as coisas velhas e levar ao esquecimento delas.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade de Barcelona.

O autor afirma que, enquanto a modernização e o progresso tecnológico oferecem, a um alto custo, novos meios de sobrevivência em ambiente antes estimado como não propício ao estabelecimento humano, também se desgasta igualmente a capacidade de numerosos meios de sustentar as populações que costumavam manter antes. Trata-se dos meios e arbítrios do homem quanto a territórios que, durante grande parte da história moderna desempenharam o papel decisivo de deságüe das escórias humanas, que foram e ainda são afetadas pelos processos modernos. Tal como em Leônia, a produção de “resíduos humanos” ou de seres humanos residuais ou “excedentes” e/ou “supérfluos”, é uma seqüela inevitável da modernização e companheira da modernidade.

O autor sustenta que, na maior parte da história moderna, as regiões do planeta que são consideradas “atrasadas” ou “subdesenvolvidas” subsistiram, durante longo tempo, total ou parcialmente, inalteradas pelas imposições modernizadoras. Tais regiões eram vistas como espaços apropriados para absorver o excesso de população dos “países desenvolvidos”. Assim, essas regiões sempre se constituíram destinos naturais para a exportação de “seres humanos supérfluos” e principais pontos de deságüe para os resíduos humanos da modernização. Porém, na medida em que a modernização triunfa, e alcança as mais remotas regiões, os espaços dos resíduos humanos são comprometidos. Por isso, as soluções de problemas locais já não podem dar-se de forma global. Antes, o contrário: o local há de carregar as conseqüências planetárias, da conquista da modernidade. Desses assuntos, e de outros que deles derivam, é que trata essa profunda e brilhante obra.

O livro oferece ao leitor uma abordagem complexa da produção dos ditos “resíduos humanos” - as populações “supérfluas” de imigrantes, refugiados e demais excluídos - enquanto resultados inevitáveis da modernização. Também discute como isso está implicado com o progresso econômico e a busca de ordem, característicos da modernidade. O mérito está no brilhantismo que caracteriza a sua escrita. Esse novo livro de Zygmunt Bauman, escrito com refinada ironia, descortina o impacto dos “resíduos humanos” sobre o mundo moderno.

Bauman ainda chama a atenção para o fato de que uma vez excluído e destinado ao lixo não se tem como ser recuperado e reciclado, não havendo alternativas de aproveitamento para tal pessoa. E aqui está o drama da sociedade: retornar à gênese do problema dos resíduos humanos, sabendo que essa é uma situação que fica fora do alcance imediato dos setores sociais, políticos e econômicos. É fundamental que haja mais empenho na luta contra a exclusão e na (re)orientação dos processos, de forma que a geração perdida possa se inserir por meio da formação educacional, e assim, ter a esperança de um futuro que inclua a dignidade e a segurança.

O intuito de Bauman, ao tratar dos excluídos do processo social da atualidade, parece ser o de utilizar a sua escrita como uma ferramenta política para o reconhecimento da exclusão enquanto caricatura da sociedade atual e rebater o discurso determinante de que a dissipação do lixo sem deixar pista é inevitável.